



BOLETIM INFORMATIVO DAS PARÓQUIAS DE SANTO ANTÔNIO DOS CAVALEIROS E SÃO JULIÃO DE FRIELAS  
Director: Pe. Fr. Agostinho Marques de Castro, O. Carm. Ano XVII - V Série N.º 214 – Novembro 2018

## “Viver a Liturgia como lugar de Encontro”

### Intenção do Papa Francisco para Novembro de 2018

#### **Ao serviço da paz**

Para que a linguagem do coração e do diálogo prevaleçam sempre sobre a linguagem das armas.

### **UM APELO À SANTIDADE!**

A Exortação Apostólica *“Alegrai-vos e Exultai”* do Papa Francisco recorda-nos que a Santidade é uma vocação comum a todos! Neste mês de Novembro, que começa com a Solenidade de todos os Santos, apresentamos 3 números dessa exortação que nos convidam a ser Santos pela Construção da Paz!

“Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus”

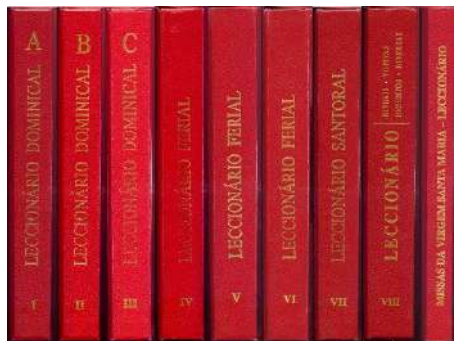
*87. Esta bem-aventurança faz-nos pensar nas numerosas situações de guerra que perduram. Da nossa parte, é muito comum sermos causa de conflitos ou, pelo menos, de incompreensões. Por exemplo, quando ouço qualquer coisa sobre alguém e vou ter com outro e lho digo; e até faço uma segunda versão um pouco mais ampla e espalho-a. E, se o dano que consigo fazer é maior, até parece que me causa maior satisfação. O mundo das murmurações, feito por pessoas que se dedicam a criticar e destruir, não constrói a paz. Pelo contrário, tais pessoas são inimigas da paz e, de modo nenhum, bem-aventuradas.*

*88. Os pacíficos são fonte de paz, constroem paz e amizade social. Aqueles que cuidam de semear a paz por todo o*

*lado, Jesus faz-lhes uma promessa maravilhosa: «serão chamados filhos de Deus» (Mt 5, 9). E na nossa comunidade, se alguma vez tivermos dúvidas acerca do que se deve fazer, «procuremos aquilo que leva à paz» (Rm 14, 19).*

*89. Não é fácil construir esta paz evangélica que não exclui ninguém; antes, integra mesmo aqueles que são um pouco estranhos, as pessoas difíceis e complicadas, os que reclamam atenção, aqueles que são diferentes, aqueles que são muito fustigados pela vida, aqueles que cultivam outros interesses. É difícil, requerendo uma grande abertura da mente e do coração, uma vez que não se trata de «um consenso de escritório ou uma paz efémera para uma minoria feliz» nem de «um projeto de poucos para poucos». Também não pretende ignorar ou dissimular os conflitos, mas «aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo». Trata-se de ser artesãos da paz, porque construir a paz é uma arte que requer serenidade, criatividade, sensibilidade e destreza.*

Semear a paz ao nosso redor: isto é santidade.”



A reforma desejada pelo Concílio Vaticano II mostrou os seus frutos, tornando mais rico o acesso à Sagrada Escritura que é oferecida abundantemente sobretudo nas liturgias do domingo. A estrutura atual do Leccionário, além de apresentar com frequência os textos mais importantes da Escritura, favorece a compreensão da unidade do plano divino, através da correlação entre as leituras do Antigo e do Novo Testamento, «centrada em Cristo e no seu mistério pascal».

PAPA BENTO XVI, *Verbum Domini*:  
Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a  
Palavra de Deus na vida e na missão da  
Igreja. (2010), n. 57

## A Sagrada Escritura e o Leccionário

### OS ANTIGOS LECCIONÁRIOS

Na Igreja primitiva a proclamação da Palavra de Deus fazia-se naturalmente pelo próprio livro das Escrituras. A tradição judaica fazia ler na sinagoga, em leitura contínua ou semi-contínua, a Lei (Pentateuco) e os Profetas. A Igreja acrescentou-lhes, depois, a leitura dos livros do Novo Testamento.

Por volta do ano 150, S. Justino, na sua *Apologia em favor dos cristãos* dirigida ao imperador Antonino, descreve-nos brevemente a Liturgia da Palavra na Missa. Aí se leem os profetas e as memórias dos apóstolos e aquele que preside explica a Palavra proclamada.

As *Constituições Apostólicas*, pelo fim do século IV, indicam-nos a leitura da Lei, dos Profetas, das Cartas, dos Atos dos Apóstolos e do Evangelho. Este número parece ter-se mantido nas Igrejas da Síria. A antiga liturgia bizantina, segundo S. João Crisóstomo, proclama três leituras, o que aconteceria também em África no tempo de S. Agostinho, na Espanha, na Gália, em Milão e em Roma.

Quanto mais as celebrações se multiplicavam mais se tornava necessário um modo prático de determinar as passagens dos textos a proclamar. No princípio, o modo mais simples e prático de indicar as leituras era a anotação marginal nos livros da Bíblia. Logo em seguida se começaram a constituir listas destas anotações marginais, com a indicação das primeiras e últimas palavras da perí-

cope. A estas recolhas ou coleções deu-se o nome de *capitulares*.

Para se tornar ainda mais prática a utilização das leituras, passou-se à sua transcrição por extenso em livros próprios, chamados *leccionários*. Quando apareceram os *missais plenários*, reunindo num só volume todos os livros necessários para a celebração da Missa, também os textos das leituras lhe foram incorporados.

Em Roma, antes de S. Gregório Magno, conhece-se bastante mal a disposição e a escolha das leituras da Missa. Para o tempo comum encontram-se poucas ligações entre a primeira leitura, ou as duas primeiras leituras, e o evangelho, visto seguir-se o sistema de leitura contínua ou semi-contínua. Mas encontramos também Missas bem organizadas, como as dos domingos de Quaresma e as das quarta, sexta e sábado do mesmo tempo.

## **O NOVO LECCIONÁRIO DO MISSAL ROMANO**

Desde o Concílio de Trento até ao Concílio do Vaticano II, a Liturgia romana utilizou o leccionário do Missal de Pio V, ainda mais empobrecido que o seu modelo, o *Leccionário de Murbach*, em que as Missas de quarta, sexta e sábado do Tempo Comum tinham leituras próprias. Fora da Quaresma e da Oitava da Páscoa, o precedente leccionário não apresentava, durante a semana, leituras próprias para cada dia e, por isso, fora da celebração das festas dos santos, era necessário repetir em cada dia as leituras do domingo.

O desejo da *Constituição sobre a Sagrada Liturgia* (SC) do Vaticano II era tornar acessível aos fiéis uma grande parte da sagrada Escritura (cf. SC 51). Mas não era fácil a realização deste desejo. Tratava-se de introduzir cerca de 90% da Escritura no Leccionário. Primeiramente organi-

zou-se para cada domingo um ciclo de três anos (A-B-C). Para os dias da semana foram organizados um ciclo de dois anos (pares e ímpares) para a primeira leitura, e um ciclo único para o evangelho, pois os dias feriais comportam só duas leituras. Nos domingos comuns a primeira leitura, do Antigo Testamento, foi escolhida a partir do evangelho, segundo uma larga concordância.

O Leccionário do Missal Romano, saído da reforma conciliar do Vaticano II, representa um considerável enriquecimento para a Igreja. Publicado em Roma, em Agosto de 1969, o novo Leccionário é um edifício riquíssimo. Aí se encontra, com efeito:

- um *leccionário dominical* (ciclo de três anos, com três leituras para cada missa e respetivo salmo responsorial);

- um *leccionário ferial* (ciclo de um ou dois anos conforme o tempo litúrgico, com duas leituras para cada missa);

- um *leccionário santoral* (com uma grande seleção de leituras próprias ou comuns);

- um *leccionário ritual* (com grande elenco de leituras para a celebração dos sacramentos, funerais, profissão religiosa, etc.);

- um *leccionário votivo* (com um elenco bastante desenvolvido de leituras para celebrações de devoção ou necessidades da Igreja e do mundo).

Respondendo aos requisitos da Constituição sobre a sagrada Liturgia, o novo leccionário propõe «uma leitura da sagrada Escritura mais abundante, mais variada e mais adaptada» (SC 35) abrindo «mais largamente os tesouros da Bíblia, de modo que, dentro de um certo número de anos, sejam lidas ao povo as partes mais importantes da sagrada Escritura» (SC 51).

*Resumido de: LUÍS RIBEIRO, O Leccionário do Tempo Pascal. In Boletim de Pastoral Litúrgica 9 (1984), 28-31*

## Pensamento para a Semana

*"Amarás o teu próximo como a ti mesmo"*

Amar-se a si mesmo implica ser exigente na sua vida espiritual e também cuidar da saúde, da instrução, do descanso. Quanto mais isto for uma realidade, mais e melhor cada um de nós pode amar o próximo

## **EM ESPÍRITO E VERDADE: VIVEMOS O QUE CELEBRAMOS?**

### Liturgia: primeira escola da fé e da vida espiritual

"A Liturgia é a Igreja em oração. Ao celebrar o culto divino, a Igreja exprime aquilo que é: una, santa, católica e apostólica. (...)

Podemos, portanto, dizer que a Liturgia é a fé celebrada nos momentos mais sagrados; é a Bíblia rezada, a espiritualidade da Igreja atuada e o vértice e a fonte de toda a ação pastoral da Igreja. A Liturgia realiza uma aprendizagem da fé, não apenas racionalmente, mas pelos sentidos. A Liturgia é um mistério que se escuta, vê, toca, saboreia e cheira. A Liturgia vale por si mesma como o amor. (...) A Igreja vive da Liturgia. Esta é a sua dimensão decisiva, não exclusiva. A Liturgia é a primeira escola da fé e da vida espiritual. Nela deixamos de falar sobre Deus, para falarmos a Deus e agirmos em Deus. A Liturgia não é só rito, nem mera execução de rubricas, mas ethos e, fundamentalmente, uma arte da ação.

A Liturgia é, igualmente, transmissão da fé. A Igreja transmite a fé, celebrando a Liturgia. (...) Só uma vida autenticamente litúrgica gera uma verdadeira evangelização. (...) A própria Liturgia autodefine-se como vida vivida na coerência da Fé, celebração e vida: *«Fazei frutificar em nós, Senhor, os mistérios que celebramos, pelos quais, durante a nossa vida na Terra, nos ensinais a amar os bens do Céu e a viver para os valores eternos» e ainda, «fazei que a nossa vida, Senhor, corresponda à oferta das nossas mãos»*

D. José Manuel Cordeiro, *Corações ao alto. Introdução à liturgia da Igreja*. Lisboa: Paulus, 2014, pp. 15-16, 94-95

Para refletir: **Vivemos a Liturgia como a primeira e fundamental escola e experiência de oração?**

## **O EVANGELHO LIDO NA TRADIÇÃO CRISTÃ**

"Tu és um só homem, os teus próximos são muitos: porque em primeiro lugar não deves entender o próximo como se fosse um irmão teu, consanguíneo ou parente legal. Porque todo homem é próximo para todo homem. (...) E se acreditamos que são apenas próximos os que nascem dos mesmos pais, vamos deter-nos em Adão e Eva e todos somos irmãos. Realmente irmãos enquanto homens e quanto mais por sermos cristãos. Enquanto homem, Adão foi o único pai e Eva a única mãe; enquanto cristão, Deus é o único Pai e a Igreja a única Mãe."

Santo Agostinho, bispo e doutor da Igreja (século V),  
*Sermão Sobre a disciplina cristã, 3*